

## EX - CURSÃO, EXCURSÕES...

Por João Alberto de Oliveira Diniz (João Cascão)

Passar no vestibular para geologia foi sem dúvidas, uma das grandes alegrias que tive na vida. É um grande curso, diziam todos, um cursão.

Apesar da descrença de alguns familiares, que só dariam de fato importância se minha aprovação tivesse sido em medicina ou direito, fiquei realmente satisfeito, visto a imagem poética que tinha do curso.

A nível familiar, ganhei logo uma respeitável aliada, minha saudosa tia Maria do Carmo, ou Do Carmo, como todos a chamavam, que propagava aos quatro ventos que “Joãozinho passou na maior engenharia do mundo!”.

Assim, após pouco mais de ano pagando aquelas disciplinas chatas do ciclo básico, estudando cálculos, físicas, químicas, desenho geométrico, estatística, etc., fui fazer minha primeira matrícula no ciclo profissional, pagar cadeiras de geologia.

Logo de início a surpresa e medo, pois excetuando uns quatro ou cinco alunos, o resto da turma era todo de repetentes, todo mundo nos fazendo medo, além da cara de bravo do coordenador do curso (e professor de uma das disciplinas em que nós estávamos nos matriculando – geologia geral), prof. Waldir Duarte Costa.

Lembro que na fila da pré-matrícula tinha um rapaz, egresso creio que de geografia, que queria pagar aquela cadeira como disciplina isolada.

Dono de um jeitinho bastante afeminado para os padrões da profissão, tendo inclusive um lenço de seda amarrado no pescoço, o pobre rapaz, ao chegar sua vez de falar com o professor foi interrogado sobre o porque do seu interesse pela geologia.

Respondeu eloqüente, gostava muito de pedras e, para nossa surpresa, o prof. perguntou-lhe se era porque pedra era dura.

Matricula feita, em geologia geral 1 e mineralogia 3, começamos de fato o curso de geologia.

O prof. Waldir começou a dar a disciplina, mas teve que ausentar-se logo após o começo, ia fazer um curso de doutoramento em São Paulo. Assim, a maior parte desta cadeira foi dada por vários professores, cada um ensinando aquilo que era sua especialidade.

Lembro de uma aula sobre terremotos dada pelo prof. Cardoso, um português.

Depois de muito falar sobre as causas e efeitos dos terremotos, o prof. Cardoso deteve-se detalhadamente, quase nos matando de rir com seu sotaque carregado, no “grande terremoto” (pronuncia-se assim, com um “r” só) de Lisboa.

Pânico, pânico, fogo, morte, destruição... , isto foi tudo que entendemos daquela aula.

Depois da volta do prof. Waldir, quase morro de susto em uma aula prática de descrição de rochas. O prof., eu não sabia, tinha (tem) um irmão gêmeo, Walter Duarte Costa. Certo dia, ao terminar a descrição da minha amostra, estando Waldir Duarte na minha frente dentro da sala de aula, saí um pouco para o corredor e, para minha surpresa, lá estava novamente Waldir. Olhei de soslaio para dentro e lá estava ele. Mudo a vista para o corredor e vejo-o outra vez.

Até saber da existência deste gêmeo, nunca comentei isto com ninguém, certo de estar ficando louco.

Naquele semestre, depois de vários anos, devido a falta de verbas por parte da universidade, íamos ter novamente uma excursão de geologia geral com uma semana de duração, fato que nos alegrou bastante.

Nos dois primeiros dias, viagens a zona de mata, pertinho do Recife, dormíamos em casa mesmo. De qualquer forma deu para sentir a brabeza e austeridade do mestre, que distribuía esporros a torto e a direito e nós, coitados, absolutamente inocentes de conhecimento geológico, não por culpa dele, mas como estudar o que era uma falha, uma dobra, um gnaisse ou um granito nos livros e depois reconhece-los de primeira no campo?

Os repetentes sabiam um pouco mais, mas com isso se arriscavam muito em dizer besteiras, recrudescendo as imprecações de nosso mestre.

Em um afloramento de ganisses, o prof. mandou Carlos, que nós chamávamos de fera por ele ter a cabeça permanentemente raspada, tirar uma atitude das rochas.

Carlos tremeu tanto com a bússola na mão, sem nada conseguir, que Waldir instou-o a tomar uma outra atitude, uma atitude de homem, parasse de tremer.

Nossa vingança contra o professor se deu logo em seguida, quando, ao encontrarmos uma fonte de água, que se originava em fraturas em um traquito situado no terreiro de uma casinha, Waldir começou a nos explicar a percolação da água, que vinha desde os sedimentos superiores do Barreiras e saía ali. O dono da casa, sentado ao nosso lado, completamente embriagado, ao ouvir aquilo disse: Deixa de falar merda, essa água quem botou aí foi Deus. Rimos bastante e Waldir, puto da vida, deixou de lado suas explicações científicas.

No terceiro dia da excursão fomos para o interior, iríamos até o alto sertão da Paraíba, via vale do Pajeú.

Na serra das russas, o professor manda parar o ônibus lá em baixo para nós subirmos a pé, é preciso observar bem esta zona tão intensamente milonitizada, diz ele, estamos em um afloramento do Lineamento Pernambuco.

Esporros são distribuídos à torto e à direito, quem já viu um grupo de alunos não distinguir os principais eixos de esforços e as direções de deformações?

Chegando no topo da serra, sou interpelado por um estudante até então desconhecido para mim, mais que ficaria posteriormente famoso, no dizer do prof. Bley, como “aquele jovem que eles chamam de chacal”, sobre se eu tinha visto o dique mostrado pelo professor. Surpreso com minha afirmativa, ele alega que nada viu, naquele local não tinha sequer água, quanto mais um dique represando a mesma.

Depois de subida a serra, Waldir nos alerta para a necessidade da observação do relevo, uma das armas do bom geólogo, ressaltou, visto que variações topográficas poderiam significar contatos litológicos, falhas, dobras, etc. Na altura da cidade de Bezerros ele pergunta se alguém tinha notado mudanças neste sentido. Tom (Antonio Alves) sabido como ele só, responde que sim, será que ninguém mais aqui viu nada? Waldir, doce como sempre rebate, dizendo que ele deveria ter então visão de raios-x, pois nada mudara.

Neste dia, para meu júbilo e de Tom, dormimos em Arcoverde, nossa terra natal. À noite saímos para nos divertir, os dois nativos do local servindo como guias para os demais colegas.

No dia seguinte logo cedo, rumamos para a bacia sedimentar do Jatobá, visitando as cidades de Ibimirim, Inajá e Tacaratú.

Depois de sermos várias vezes repreendidos, por confundir o arenito Tacaratú com uma rocha ígnea, o professor parou em um afloramento e começou a falar sobre o relevo de regiões sedimentares, destacando as grandes chapadas, mesetas e cuevas que podiam ser vistas na região. Como tinha se referido a uma feição topográfica vista, chamando-a de “dorso de baleia”, pediu a Luis Cisneiros (sumiu, não sei nem se terminou o curso), que a descrevesse. Luís, muito senhor de si, começou falando sobre tudo visto naquele dia, e terminou citando aquela peculiar forma topográfica conhecida pela denominação de “doce de baleia”. Aquilo foi demais para o velho mestre que, enfurecido esbravejava que depois de velho tinha virado doceira.

Enquanto o professor passava-nos espetacular descompostura, um inocente escorpião passeava entre nós, tomando seu banho diário de sol, ao mesmo tempo em que tentava livrar-se das marteladas que eram desferidas contra ele por Anselmo e Tom.

Ágil, conseguia esquivar-se dos golpes, até que num descuido foi mortalmente atingido por Anselmo, literalmente estourando, indo o líquido que saiu de dentro dele espalhar-se na cara de Tom.

Um grito lancinante cortou o sertão, seria uma nova morte de Antonio Conselheiro, pensávamos?

Era Tom que, desesperado, gritava: isso se bater no olho cega, no corpo aleija e na boca mata!

Com isto o professor arretou-se de vez, dando por encerrado mais um dia de trabalho.

Na volta para Arcoverde, quando todos pensávamos que tinham acabado as aventuras do dia, eis que surge entre nós alguém ligado ao terrorismo internacional, portador de um gás mais mortal do que aquele gás sarin, lançado no metrô de Tóquio.

Naquele belo entardecer sertanejo, com as sariemas cantando, as rolinhas fogo-pagô arrulhando, a observarmos gatos do mato, tatus e preás a correr, eis que sobe um cheiro terrível, tenebroso mesmo.

Quem foi, quem é o culpado, perguntava o professor. Nada, ninguém se acusou. Waldir deixou passar, afinal era apenas um problema intestinal passageiro.

Logo mais adiante, o terrorista volta a carga, desta vez com intensidade redobrada.

Papinha, o motorista do ônibus da universidade para a viatura, precisava respirar, senão iria ocorrer uma tragédia. Hojnack, um professor holandês recém chegado ao Brasil e que estava conosco a convite de Waldir para conhecer a geologia da região, nada falava em português. Segundo as más línguas, sua primeira frase em perfeito português foi: Eita peido da porra!!!!

Desta vez o professor não tergiversou, indo pessoalmente ao lado de cada aluno para ver se sentia ainda algum resto daquele cheiro, que certamente teria ficado impregnado na infeliz criatura, que deveria ter no jantar, saboreado um gostoso urubu.

Fez mais, ameaçou punir o infrator, citando o tão nefando peido no currículo do autor.

Na chegada em Arcoverde, Waldir ficou de plantão por um bom tempo na porta do banheiro, na esperança de ver quem chegava mais apertado ao mesmo. Desconfiou mesmo de Sávio de Tácio, que ofendido, disse ter recebido em casa educação doméstica.

Até hoje este é um mistério em nossa turma, suspeitando-se, contudo, de Carlos Alberto (porquinho), Guilherme Janot (bom bom), Júlio César (Curió) e do próprio Sávio de Tácio.

Este foi um dia que até hoje me parece eterno, pois, depois do banho tomando e termos todos jantados, resolvemos dar um passeio na rua.

No Democrático Esporte Clube da cidade, anunciava-se tremenda festa, abrilhantada pelo conjunto Renato e Seus Blue Cap's.

Todo mundo queria ir, mas o valor que se cobrava pelo ingresso era muito caro para a pequena diária que recebíamos da universidade.

Vai lá João Cascão, disseram, tu não é daqui, num tem moral não, pra botar a gente pra entrar de graça?

Desafiado, fui falar com o presidente do clube, meu amigo Gonzaga Quinto, pedindo-lhe a pequena gentileza de deixar entrar de graça 40 marmanjos, o que é que tem, gonga?

Como era de fato meu amigo, e fascinado pelas 10 garrafas de run que aleguei que beberíamos, concordou, cobrando, contudo, toda a bebida antecipadamente.

Chegando na festa, a maioria dos rapazes saiu cedo, visto termos que acordar quase que de madrugada no dia seguinte. Eu, contudo, ao me juntar com meus amigos locais esqueci-me da hora, ficando tão somente com Anselmo (da geologia) e Contra-Pino (de Arcoverde) com toda aquela bebida.

Lá pelas 4 ou 5 da manhã, eu e Anselmo, Deus sabe como, fomos dormir. Por volta das 6 horas, fomos acordados com uma multidão dentro do nosso quarto, que se encontrava em chamas.

Sem entender o que se passava, reclamei bastante, precisava escovar os dentes para sair, não queria ninguém ali fazendo bagunça.

Só vim a entender perfeitamente o ocorrido quando vi Gilberto, com aquele seu jeito educado correndo do quarto para o banheiro mais próximo, tentando apagar o incêndio com a água que trazia nas suas mãos em forma de concha.

Aturdido, lembrei-me do ônibus da escola, da excursão de geologia, do rigor do professor. Coloquei toda a minha roupa, que se encontrava espalhada pelo chão do quarto de qualquer jeito dentro da mala e, descalço e com os sapatos na mão, corri para a saída em direção em ônibus, não podia me atrasar.

Para meu azar tinha chovido muito durante a noite e, ao pisar na calçada do hotel, pavimentada com lajotas de cimento bastante escorregadias caí, espalhando-se toda a minha roupa pelo meio da rua.

Waldir teve um ataque nervoso, esbravejando que nunca tinha presenciado nada igual em uma excursão.

Novamente fui salvo pelo meu grande amigo Gilberto, que corria atrás de mim, recolhendo do chão meias, camisetas, calças e cuecas que se espalharam na queda.

Apesar disto, sentei-me no ônibus absolutamente alheio a tudo aquilo, não sabia que era comigo, julgava que os esporros eram dirigidos a meus colegas Fátima e Douglas, um casal de namorados. Imaginava até o que o prof. havia visto eles fazendo.

O ônibus partiu com destino a Sertânia, guiado pelos gritos do professor. Na primeira parada, em um afloramento de granito pórfito, quando o mestre já parecia mais calmo, ele interroga Arnaldo maletinha (assim chamado por possuir a zona erógena posterior muito bem arrumadinha, parecendo uma daquelas “necessaires” que as mulheres gostam de usar) para que ele descrevesse o afloramento. Arnaldo, na tentativa de agradar ao mestre, tentando florear sua resposta, responde que aquele é o mais belo exemplo de conglomerado visto em toda a viagem.

Waldir, apoplético, passa-lhe a maior descompostura e Arnaldo, branco que só vela, sai correndo atrás dele a pedir: professor, professor, pelo amor de Deus, esqueça que eu disse isso. Waldir retrucava: vou tentar, vou tentar, mas acho muito difícil.

Eu continuava dormindo sob os efeitos da noite anterior. Na segunda parada, encontramos um afloramento de micaxisto intensamente dobrado, crenulado, fraturado e tudo mais do que gostam os petrólogos e geólogos estruturalistas. Foi providenciada uma gigantesca amostra, retirada sob a orientação direta do professor para levar para o museu de minerais e rochas da escola. Rui, o fortão da turma, foi encarregado de leva-la até o ônibus, visto que ninguém mais tinha tanta força.

Cochilando sentando em meu martelo, acordei-me com o reflexo do brilho das biotitas batendo nos meus olhos. Como não tinha ouvido nem visto nada da explicação dada, achei que havia feito uma grande descoberta, se tirasse uma amostra e levasse ao professor, quem sabe não seria desculpado pela noite anterior.

De martelo na mão, parti para cima da amostra do museu, quebrando-a em mil pedacinhos, até conseguir aquele que me pareceu satisfatório.

Satisfeito, fui mostrar meu feito a Gilberto o qual, ao ver a merda que eu tinha feito, exclamou: rapaz, tu se fudeu!!!!

Juntei os pedacinhos da malfadada amostra, como que colando os pedaços partidos e afastei-me de perto, não podia ser reincidente em tão pouco tempo.

Terminadas as explicações, na hora de irmos embora, Rui vai em busca da amostra para transporta-la até o ônibus. Para sua surpresa, ao ser tocada a mesma se desmancha em mil pedaços, esfarelado-se pelo chão.

Foi demais para o pobre professor. Sabem o que quer dizer o lema da geologia, “Mente et Martelo”, que vocês trazem estampados nas camisas, interrogou ele? Quer dizer mente e martelo, mas vocês só tem o martelo, aqui só tem pedreiros, nenhum geólogo, esbravejava.

Para minha sorte o mistério sobre a autoria deste fato, juntamente com aquele do peido no sertão do Moxotó, continuou até hoje, somente agora sendo divulgado.

Chegamos na Paraíba e, na serra do Teixeira, Waldir pede ao colega João Olegário que descreva a seguinte seqüência de eventos observadas no campo: um veio de quartzo cortado por uma pequena falha e apresentando considerável deslocamento, visto por nós em um afloramento.

Olegário, chega a seguinte conclusão: aqui começou um veio de quartzo, que veio até a posição em que nós vemos e parou. Depois ocorreu o falhamento, sendo sucedido pelo aparecimento novo veio que se estendeu até esta posição.

Waldir nada falou, somente sendo percebida sua tez avermelhada.

Naquela tarde, no topo da serra do Teixeira, a observarmos a bela paisagem que se descortinava abaixo, ouvimos aquilo que ficou conhecido como “o sermão da montanha”, proferido pelo prof. Waldir.

Mais uma vez fui injustiçado, pois o prof. alegando irresponsabilidade de minha parte ao queimar o colchão em Arcoverde, perguntou se eu já tinha feito isto em casa.

Para não ser desmoralizado respondi que sim, já havia queimado uma rede. O mestre então retrucou: o homem é um incendiário nato!

Pesquisas recentes, utilizando-se métodos radioativos e exames de DNA nas cinzas e resíduos do incêndio do hotel em Arcoverde deixam dúvidas sobre sua autoria. Segundo se comenta, análise do DNA encontrado no góia do cigarro causador do sinistro indicam presença da saliva de Anselmo Ricardo sendo, portanto, ele o autor do acidente.

As cinzas encontradas em minha cama, que pegou fogo, indicam que estas sofreram um pequeno transporte, passando da cama de Anselmo, onde se encontravam originalmente, para a minha.

Modelos matemáticos comprovam ainda que Anselmo, ao se deitar para dormir, sob profundos efeitos etílicos, estaria fumando e, ao adormecer jogou o góia do cigarro de lado que, incandescente, causou o incêndio na minha cama.

Infelizmente, meu (nosso) querido amigo Anselmo Ricardo de Souza Cavalcanti, um dos melhores alunos da minha época de faculdade, já não está mais entre nós para discordar desta minha teoria.

Assim, na falta do contraditório, fico livre desta acusação de ser “um incendiário nato”.